

Descrição Do Inferno Por Almas Místicas

- Josefa Menendez, « *Un appel à l'amour* », Éditions de l'Apostolat de la Prière, Toulouse, France, 1938, 729 pages.
- Père Marie-Eugène de l'Enfant-Jésus, « *Je veux voir Dieu* », Éditions du Carmel, 84210 Venasque, France, 1998, 1158 pages.
- Sœur Faustine, « *Petit journal de Sœur Faustine* », Éditions Jules Hovine, France, 1985, 704 pages.
- Sœur Bèghe, « *Dieu et les Hommes* », Éditions Résiac, France, 1992, 107 pages.

Descrição do inferno por Josefa Menendez (1890-1923)

Em « *Um apelo para amar* » (páginas 243-245)

« Na noite de quarta-feira para quinta-feira, 16 de março, cerca das dez horas, escreveu ela, comecei a ouvir, como nos últimos dias, um ruído confuso de gritos e correntes Levantei-me, vesti-me e, tremendo de medo, ajoelhei-me junto da minha cama O barulho aproximava-se. Deixei o dormitório, sem saber o que fazer, fui para a cela de nossa Santa Mãe, e depois voltei para o dormitório. O mesmo barulho terrível continuava a cercar-me. De repente, vi o diabo à minha frente, ele gritou: « Amarrem-lhe os pés ... atem-lhe as mãos...»

« Naquele instante não vi mais onde estava, senti que me amarravam com força e que me arrastavam Outras vozes rugiam: Não são os pés que devem amarrar, é o coração ! »

« E o demónio respondia : Ele não é meu ! »

« Então puxaram-me através de um longo caminho mergulhado na escuridão. Comecei a ouvir de todos os lados gritos horríveis. Nas paredes do corredor estreito, em frente uns aos outros, havia uma espécie de nichos de onde saía fumo, quase sem chama, e cujo odor era intolerável. De lá, vozes proferiam todo o tipo de blasfémias e palavras impuras. Umas amaldiçoavam os seus corpos, outras os seus pais. Outras criticavam-se a si próprias por não terem agarrado a oportunidade ou a luz para abandonarem o mal. Enfim, era uma confusão de gritos cheios de raiva e desespero.

«...Puxaram-me através dessa espécie de corredor que não tinha fim. Em seguida, deram-me um golpe violento que me enfiou, dobrada em dois, num desses nichos. Senti-me como que imprensada entre placas incendiadas e transpassadas de um lado e de outro por agulhas ardentes. À minha frente, ao meu lado, almas amaldiçoavam-me e blasfemavam. Foi isso que me fez sofrer mais ... Mas o que não se pode comparar com nenhuma outra dor qualquer é a angústia que sente a alma ao ver-se separada de Deus ...

« Parece-me ter passado muitos anos nesse inferno, continuam as anotações, e, no entanto, só foram seis ou sete horas ... De repente, puxaram-me violentamente e vi-me num lugar escuro onde o demónio, depois de me ter batido, desapareceu e deixou-me livre... Não sei dizer o que senti na alma quando me apercebi que estava viva e que ainda podia amar a Deus !

«.. Para evitar este inferno e apesar de ter tanto medo de sofrer, não sei até que ponto vou poder aguentar. Vejo claramente que todos os sofrimentos do mundo não são nada se comparados com a dor de já não poder amar, porque aqui só se respira ódio e sede da perdição das almas !...»

Desde então, Josépha conhece frequentemente esta dor misteriosa. Efectivamente, tudo é mistério, durante as longas sessões do Além tenebroso. Pressente-as sempre pelos ruídos das correntes e pelos gritos longínquos que se aproximam, a rodeiam e a oprimem. Tenta fugir, distrair-se, trabalhar para escapar a esta investida diabólica que, no entanto, acaba por dominá-la. Só tem tempo de refugiar-se na sua pequena cela, mas logo já não tem consciência do que a rodeia. Encontra-se primeiro dentro do que chama "um sítio escuro", diante do demónio que triunfa sobre ela e parece acreditar que ela está em seu poder para sempre. Ordena violentamente que a atirem para o seu lugar, e Josépha, bem amarrada, cai nesse caos de fogo e de dores, de raiva e de ódio.

Apona tudo isso simplesmente e objectivamente, exactamente como vê, ouve e experimenta.

Lá fora, apenas um leve estremecimento anunciou a sua partida misteriosa. Nesse preciso instante, o seu corpo tornou-se mole e sem consistência, como aquele, cuja vida desapareceu há escassos minutos. A sua cabeça, os seus membros, não se sustêm mais, mas o seu coração bate, no entanto, normalmente : Josépha vive como se não estivesse a viver.

Este estado prolonga-se mais ou menos segundo a Vontade de Deus que a entrega assim ao inferno, mas guarda-a na Sua Mão muito segura.

No instante marcado por Ele, outro e muito imperceptível estremecimento, e o seu corpo abandonado recobra a vida.

Todavia, ela ainda não está livre da dominação do demónio que continua a subjugar-la com golpes. Neste lugar sombrio onde só o vê a ele, ele ultraje-a e ameaça-a antes que ela escape ao seu poder.

Quando finalmente ele a abandona e ela volta a si lentamente, as horas passadas no inferno pareceram-lhe séculos. Só aos poucos retoma contacto com os lugares e com as pessoas que a rodeiam. « Onde estou?... quem são vocês? Será que ainda estou viva?...» pergunta. Os seus pobres olhos procuram encontrar o quadro de uma vida que lhe parece tão longínqua no passado. Por vezes, lágrimas sofridas rolam silenciosamente, enquanto o seu rosto carrega a marca de uma dor que nada pode traduzir. Por fim, acaba por encontrar o sentido da realidade e como exprimir a emoção intensa que se apodera dela quando se dá conta de que ainda pode amar !

Escreveu isto várias vezes nuns termos cujo mero ardor não pode ser interpretado.

« Domingo 19 de março de 1992, terceiro Domingo da Quaresma. Desci novamente nesse abismo, parece-me que fico lá muitos anos. Sofri muito, mas o meu maior desgosto é julgar-me incapaz de amar a Nosso Senhor. Daí que, quando renasço para a vida, fico louca de alegria. Creio que O amo mais do que nunca e que, para provar-Lho, estou pronta a sofrer tudo o que Ele quiser. Parece-me acima de tudo que estimo e amo a minha vocação loucamente. »

Acrescenta mais umas linhas mais abaixo : O que vejo dá-me uma grande coragem para sofrer. Entendo o preço dos mais pequenos sacrifícios : Jesus recolhe-os e serve-se deles para salvar almas. É ser-se muito cego querer evitar o sofrimento, mesmo em pequeninas coisas, pois não só esse sofrimento tem muito valor para nós, como serve para preservar muitas almas e tantas profundas mágoas. »

Em « Um apelo para amar » página 688

Josépha, assinala também as acusações que essas pobres almas proferem contra si mesmas :

« Alguns berram por causa do martírio que sentem nas suas mãos. Acho que roubaram, porque dizem: « Onde é que apanhaste?... Malditas mãos!... Porquê esta ambição de ter o que não era meu, já que podia guardá-lo... só uns dias?... »

« Outros acusam a sua língua, os seus olhos... cada um, qual foi o motivo do seu pecado :
« Bem pagas são agora as delícias com que te regalavas, corpo meu ! ... e foste tu que o quiseste ! ... »
(2 de Abril de 1922)

« Dá-me ideia de que as almas se sentiam sobretudo culpadas por terem cometido pecados contra a pureza, os roubos, os negócios escusos, e que a maioria se encontrava condenada por isso mesmo. »
(6 de Abril de 1922)

« Vi muita gente importante cair nesse abismo e não é possível explicar nem compreender os gritos que lançavam e como berravam logo de uma forma assustadora :

« Maldição eterna ! ... enganai-me, perdi-me ... estou aqui para sempre ... já não há remédio... amaldiçoo-te !... »

« E umas acusavam uma pessoa, outras, uma ocorrência, e todas, o momento da sua queda ! »
(Setembro de 1922)

« Hoje vi cair no inferno um grande número de almas, jugo que era gente da alta. O demónio gritava : « Agora, o mundo está no ponto para mim... Sei qual é a melhor forma para apanhar almas ! ... é excitar nelas o desejo de gozar... Não !... eu é que sou a primeira..., eu antes de tudo o mais !... Sobretudo nada de humildade, mas gozar ! Eis o que me garante a vitória, o que os faz cair aqui em abundância ! »
(1 de Outubro de 1922)

Em « Um apelo para amar » (páginas 693-696)

Tal como nas descidas precedentes ao inferno, Josépha não acusa nenhum pecado nela que a tivesse podido conduzir a uma tamanha infelicidade. Nosso Senhor quer somente que ela sinta as consequências como se ela as tivesse merecido. Ela continua :

« Subitamente, encontrei-me no inferno, mas sem que me tivessem arrastado como das outras vezes. A alma precipita-se nele sozinha, atira-se nele como se desejasse desaparecer da vista de Deus para poder odiá-Lo e amaldiçoa-Lo !

« A minha alma deixou-se cair num abismo cujo fundo não se pode ver, pois é imenso !... No mesmo instante, ouvi outras almas regozijarem-se ao ver-me nestas mesmas aflições. Desde já, é um martírio ouvir esses gritos horríveis, mas acho que nada se compara com a dor e a sede de maldição que se apodera da alma, e quanto mais amaldiçoamos, mais aumenta

esta sede ! Jamais sentira isso. Outrora, a minha alma era tomada pela dor perante essas terríveis blasfêmias, se bem que ela própria não pudesse produzir qualquer acto de amor. Mas hoje, era completamente o inverso !

« Vi o inferno como sempre, os longos corredores, as covas, o fogo... Ouvei as mesmas almas a gritar e a blasfemar, pois, já escrevi isso várias vezes, se bem que não se veja formas corporais, sentem-se os tormentos como se os corpos estivessem presentes e que as almas se reconhecessem. Elas gritavam: « Olá ! tu por aqui ! ... Tu como nós! éramos livres de fazer estes Votos !... mas agora ! ...» E elas amaldiçoavam os Votos delas.

« Então fui empurrada para dentro desse nicho em chamas e imprensada como entre pranchas ardentes, e como se ferros e pontas incandescentes se enterrassem no meu corpo.»

« Chegada aqui, Josépha volta a relatar os múltiplos tormentos dos quais ninguém é excluído : « Senti como se quisessem, sem o conseguirem, arrancar-me a língua, o que me reduzia ao extremo de uma dor atroz, os olhos parecem sair das órbitas, penso que é por causa do fogo que está a queimá-los tanto ! Nem sequer uma unha escapa a tal tortura. Nem sequer podemos mover um dedo para buscar algum alívio, nem mudar de posição, o corpo está como que achatado e dobrado em dois. Os ouvidos sentem-se oprimidos por esses gritos de confusão que não param nem um único instante. Um cheiro nauseabundo e repugnante asfixia e invade tudo, como se fosse carne em putrefacção que está a arder com pez, enxofre... uma mistura que não se pode comparar com nada no mundo.

«Tudo isso senti-o como das outras vezes e, apesar das dores serem terríveis, não seria nada se a alma não sofresse. Mas não há palavras para expressar o modo como ela sofre. Até agora, quando descia aos infernos, sentia uma imensa dor porque julgava ter saído da religião et ter sido condenada por causa disso. Mas desta vez, não. Estava no inferno com um sinal especial de religiosa, o de uma alma que conheceu e amou o seu Deus, e via outras almas de religiosos e de religiosas que traziam esse mesmo sinal. Não saberei dizer o que o distingue, quiçá porque os outros condenados e os demónios os insultam de uma maneira especial ... muitos padres também! Não sei explicar o que foi esse sofrimento, foi muito diferente daquele que senti outras vezes, porque se o tormento de uma alma do mundo é terrível, não é nada se o compararmos com a de uma alma religiosa. Sem suspender um momento, estas três palavras : Pobreza, castidade, obediência, imprimem-se na alma como um remorso pungente. »

« - *Pobreza* ! Eras livre tu prometeste! Então porque procuravas este bem-estar? Porque continuavas agarrada a este objecto que não era teu? Porque davas esta comodidade ao teu corpo? Porque tomavas a liberdade de dispores das coisas que eram o bem da Comunidade? Tu não sabias que já não tinhas nenhum direito de o ter? Que tu mesma havias renunciado livremente? Porque resmungavas quando algo te faltava ou quando pensavas que estavas a ser menos bem tratada do que outras pessoas? Porquê?

« - *Castidade* ! Tu mesma fizeste o Voto, livremente e com pleno conhecimento do que ele exigia ... Tu mesma te obrigaste ... Tu mesma quiseste... E depois, como o guardaste? --- Porquê então não teres ficado onde podias usufruir de luxúrias e prazeres?

« E a alma responde e fala, fala, numa tortura inexprimível: « Sim, fiz o Voto e era livre... Poderia muito bem não o ter feito, mas eu mesma fi-lo e era livre !...»

Não há palavras que possam exprimir o martírio deste remorso, escreve Joséfa, junto aos insultos dos outros condenados ! » E prossegue :

« - *Obediência !* Tu mesma te obrigaste a obedecer à tua Regra, aos teus Superiores livremente. Então porque julgavas tu o que nós ordenávamos? Porque desobedecias à voz do regulamento? Porque te dispensavas da obrigação da vida em comum? Recorda-te da suavidade da tua Regra... e não quiseste saber!... E agora, berram as vozes infernais, tens de obedecer-nos a nós, e não um dia, não um ano, não um século... mas sempre ... para a eternidade! Foste tu que pediste: eras livre ! »

« A alma lembra-se constantemente de que tinha escolhido o seu Deus por Esposo e que O amava acima de todas as coisas... que por Ele havia renunciado aos prazeres mais legítimos e a tudo aquilo que ela tinha de mais caro no mundo, que no início da vida religiosa tinha provado as doçuras, a força e a pureza deste Amor divino, e agora, por causa de uma paixão desordenada... tem de odiar eternamente este Deus que a elegera para O amar !

« A necessidade que sente de odiar é uma sede que a consume ... Nem uma lembrança sequer que possa trazer-lhe o mais pequeno alívio ...

« Um dos seus maiores tormentos, acrescenta, é a vergonha que a envolve. Parece-lhe que todas as almas condenadas que a rodeiam lhe estão a gritar sem parar: « que nos tivéssemos-nos perdidas, não tínhamos as mesmas armas do que tu, qual o espanto? ... Agora tu! O que te faltava? Tu que vivias no Palácio do Rei... tu que comias à mesa dos escolhidos...»

Tudo o que escrevo, concluiu, não é senão uma sombra se comparado ao que a alma sofre, pois não há palavras que possam expressar um tamanho tormento. »

(4 de Setembro de 1922)

Descrição do inferno por Santa Teresa de Ávila (1515-1582)

Inserida em « Quero ver Deus » páginas 151 e 152

« Se a morte separa do corpo uma alma ainda carregada com o pecado, ela já não pode de ora avante livrar-se deste "pez do pecado" que está sobre o cristal da alma. » A alma fica, portanto, eternamente presa à atitude de afastamento de Deus. É o inferno eterno, consequência normal do pecado e da imutabilidade na qual se encontra presa a alma na eternidade. Cá na terra as potências da alma encontravam nos bens particulares uma certa satisfação, que lhes tornava a privação de Deus pouco dolorosa ou até indiferente. Na eternidade, não existe qualquer bem a não ser Deus. A alma está no vazio, e as suas potências, feitas para encontrar o seu repouso e o seu alimento em Deus, sofrem nesse vazio de uma fome e de uma sede profundas e inextinguíveis. É o castigo do diabo ou a privação de Deus, castigo principal do inferno, criado pelo próprio pecado e pela a atitude de oposição que impôs à alma. Esta privação de Deus faz estremecer Santa Teresa que exclama :

« Oh almas redimidas pelo sangue de Jesus Cristo, compreendei então o estado em que caístes e tende piedade de vós-mesmas ! Como é possível que se o compreendeis, não façais esforço algum para tirar o pez do pecado que está sobre o cristal da vossa alma? Saibam, portanto, que se morreredes neste estado, não podereis jamais ter o prazer da luz deste sol divino.

A este castigo do diabo junta-se o castigo do fogo que queima sem consumir, com um fogo inteligente que mede os seus ardores conforme a gravidade e o número de pecados e varia o ponto de aplicação segundo o género do pecado.

Uma visão vai permitir a Santa Teresa ilustrar essa descrição. Trata-se de uma visão do inferno que, diz ela, foi « uma das graças mais insigne que o Senhor me concedeu » e que relata no livro da sua vida :

« Um dia, estando em oração, pareceu-me que me encontrava, subitamente, sem saber como, toda eu transportada para o inferno ... esta visão durou muito pouco ; mas então, nem que vivesse muitos anos, ser-me-ia impossível alguma vez apagar a lembrança.

A entrada pareceu-me igual a uma ruela muito comprida e muito estreita, ou então a um forno extremamente baixo, escuro e afunilado. O fundo era como uma água lamacenta, muito suja, infecta e cheia de répteis venenosos. Na extremidade encontrava-se uma cavidade cavada numa muralha em forma de alcova, onde me vi colocada num espaço reduzido, muito reduzido. Tudo isso era delicioso à vista, em comparação com o que senti naquele momento; porque estou longe de ter feito a descrição suficiente.

Quanto ao sofrimento que suportei neste cubículo, parece-me impossível dar-vos a mínima ideia ; jamais poderiam compreendê-lo. Senti na alma um fogo cuja natureza me sinto incapaz de descrever, enquanto que o meu corpo passava por tormentos intoleráveis... além do mais, via que esse tormento devia ser sem fim e sem trégua. E, no entanto, esses sofrimentos não são nada se os compararmos com a agonia da alma. Ela sente uma opressão, uma angústia, uma aflição tão sensível, uma mágoa tão desesperada e tão profunda, que não saberia exprimi-la. Se vos digo que estão a arrancar-vos continuamente a alma é pouco, porque neste caso, é outro que parece tirar-vos a vida. Mas diante disto, é a própria alma que fica despedaçada. Não saberia, confesso, dar uma ideia deste fogo interior e deste desespero que se somam a tormentos e a dores tão terríveis. Não via quem me fazia sofrer assim, mas parecia-me que estava a arder e que me cortavam em pedaços. Repito, o que há de mais medonho, é este fogo interior e este desespero da alma.

Neste lugar tão nojento de onde a mínima esperança de consolo está banida para sempre, onde é impossível alguém sentar-se, ou deitar-se, onde falta espaço. Estava fechada ali como num buraco praticado na muralha ; as próprias paredes, objecto de horror para a vista, oprimem-vos com todo o seu peso ; ali tudo vos sufoca; não há luz, mas sim as mais espessas trevas. E, no entanto, existe algo que não consigo compreender, apesar desta falta de luz, enxerga-se tudo o que pode ser um tormento para a vista.

O Senhor não quis por ora mostrar-me mais nada do inferno. Deu-me depois uma visão de coisas horríveis e de castigos infligidos a certos vícios; essas torturas pareciam-me muito mais horríveis à vista, mas como não sofria o castigo, fiquei menos assustada.

A Santa termina a sua descrição :

...Fiquei apavorada. Apesar dos seis anos decorridos desde então, o meu terror é tal enquanto escrevo estas linhas, que me parece que o meu sangue gela nas minhas veias neste preciso lugar onde me encontro...

Concluiu : Desde então, repito, tudo me parece fácil se comparado com um único instante daquelas torturas que suportei nessa altura. Admira-me até que, depois de ter lido muitas vezes livros onde se relata sumariamente os castigos do inferno, não os tivesse temido como merecem e não tivesse tido a noção exacta do que eram. »

Descrição do inferno por Irmã Faustine, in « Petit journal de Soeur Faustine » (Pequeno diário de Irmã Faustine), Edições Jules Hovine, 1985, páginas 277 e 278.

« Hoje, fui introduzida por um anjo nas profundezas do Inferno. É um lugar de grandes suplícios. E a sua extensão é imensamente grande. Géneros de sofrimentos que vi :

- O primeiro sofrimento que faz o inferno : é a perda de Deus.
- O segundo : os perpétuos remorsos de consciência.
- O terceiro : a sorte dos condenados nunca mudará.
- O quarto : é o fogo que vai penetrar na alma sem a destruir. É um terrível sofrimento, pois é um fogo puramente espiritual, aceso pela ira de Deus.
- O quinto sofrimento, são as trevas contínuas, um cheiro terrível, sufocante. E apesar das trevas, os demónios e as almas vêm-se mutuamente e vêm todo o mal dos outros e os seus.
- O sexto sofrimento : um desespero terrível, o ódio de Deus, as maldições, as blasfémias.

São os sofrimentos que todos os condenados sofrem juntos, mas não é o fim dos sofrimentos. Há sofrimentos que estão destinados à almas em particular : são os sofrimentos dos sentidos. Cada alma é atormentada de uma forma terrível segundo os seus pecados. Existem terríveis masmorras, sorvedouros de torturas onde cada suplício difere do outro. Estaria morta ao ver estes terríveis sofrimentos, se o Todo-Poderoso Deus não me tivesse amparado.

Que cada pecador saiba que será torturado durante toda a eternidade pelos sentidos que empregou para pecar.

Escrevo isto a mando de Deus para que nenhuma alma possa desculpar-se dizendo que não há inferno, ou que ninguém nunca lá foi e não sabe como é. Eu, irmã Faustine, por ordem de Deus, penetrei nos abismos do inferno, para falar dele às almas e testemunhar que o inferno existe. Não posso falar disso agora. Tenho ordens de Deus para deixar escrito. Os demónios sentiam um grande ódio de mim. Mas a ordem de Deus obrigava-os a serem-me obedientes. Aquilo que escrevi é uma fraca amostra das coisas que vi. Uma coisa que reparei, é que estavam ali muitas almas que duvidavam que o inferno existisse. Quando voltei a mim, não era capaz de acalmar o meu horror de ver ali as almas sofrerem tão terrivelmente. Por isso, rezo ainda mais ferverosamente pela salvação dos pecadores. Chamo, sem cessar, a misericórdia divina sobre eles. Oh meu Jesus, prefiro agonizar até ao fim do mundo nos maiores dos suplícios que ofender-vos com o mínimo pecado. »

Descrição do inferno por Irmã Bèghe em « Dieu et les Hommes » (Deus e os Homens),
Edições Résiac, 1992, páginas 64 e 65

« O inferno é muito mais do que o lugar e o estado dos demónios e das almas humanas em revolta e em morte eterna, é também o lugar da destruição da alma e de qualquer vida. O inferno é o contrário da obra criadora ; o inferno é a obra destruidora da criatura que não cessa de destruir, de arruinar, de demolir e de matar. O inferno é o lugar da guerra mais monstruosa, mais cruel, mais odiosa e a mais impiedosa que possa haver. O inferno é o lugar da criatura desenfreada, desfigurada, desnaturada, deformada e desencarnada. O inferno é um dos lugares mais terríveis que há, porque é o resultado da revolta contra o Amor perfeito e contra a beleza perfeita. A vida que não quer atingir a meta da sua vida não cessa contudo de existir ; a vida que não cessa de existir, ao mesmo tempo que rejeita a fonte de sua vida, só pode continuar a sua existência na morte. A morte da vida é o oposto da vida, e é errado confundir a existência na morte com a ausência de existência. A morte é a existência na rejeição da vida, enquanto que a vida é a existência em Deus. O inferno não é a obra de Deus, o inferno é o abandono do pensamento de Deus. O inferno é o mais horrível, o mais terrível e a mais detestável realização da criatura, que forja voluntariamente, implacavelmente e incansavelmente a desgraça na qual se acorrenta e na qual ela própria se encerra com toda a lucidez da sua vontade depravada. O inferno é a ausência de qualquer bondade, de qualquer piedade, de qualquer amor, de qualquer amizade, de qualquer compaixão, de qualquer afeição, de qualquer afinidade. O inferno é o reino do ódio, da revolta, da detestação, da prevaricação, da difamação e da privação. As almas e os demónios que fizeram lá a sua morada, tornam-se sempre mais odientos, mais revoltados, mais detestáveis, mais prevaricadores e mais difamadores. O desenvolvimento dos seus sentimentos é proporcional ao seu ardor no mal, do mesmo modo que o santo será cada vez mais santo e retirará em Deus novas expressões de santidade na santidade infinita e inesgotável da santidade perfeita. »

Seleccões de textos :

Claude Lamy
3130 Arsenault
Québec P.Q.
Canada G2C1J3

C-Lamy@videotron.ca

Tradução do francês :

Odette Collas

(2 de Outubro de 2008)

WWW.Endtimes.qc.ca